BIBLIOTECA: ESPAÇO PRIVILEGIADO DA MATERIALIDADE DA INFORMAÇÃO

LIBRARY: PRIVILEGED SPACE OF THE MATERIALITY OF INFORMATION

MARLI BATISTA FIDELIS | Arquivista do Departamento de Gestão de Pessoas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPE.

GILVANEDJA FERREIRA MENDES DA SILVA | Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPE.

RESUMO

O artigo trata da biblioteca enquanto lugar privilegiado da informação materializada, enfatizando o livro, o documento como a corporificação da informação e, ao mesmo tempo, instrumento de circulação do conhecimento. Discute a importância da biblioteca enquanto espaço que abriga, processa, garante acesso e dissemina a informação registrada. Evidencia sua vocação como intermediadora entre o leitor/usuário e seus repertórios informacionais.

Palavras-chave: biblioteca; informação; materialidade da informação.

ABSTRACT

The article analyzes the library as a place of privileged information materialized, emphasizing the book, the document as the embodiment of the information and at the same time as an instrument of circulation of knowledge. It discusses the importance of the library as a space that houses, processes, disseminates and ensures access to recorded information. It gives evidences of the vocation of libraries as mediators between the reader/user and their informational repertoires.

Keywords: library; information; materiality of information.

RESUMEN

El artículo trata de la biblioteca como un lugar privilegiado de la información materializada, enfatizando el libro, el documento como la encarnación de la información y, al mismo tiempo, instrumento de difusión del conocimiento. Discute la importancia de la biblioteca como un espacio que alberga, maneja, difunde y garantiza el acceso a la información registrada. Reitera su vocación como mediadora entre el lector/usuario y sus repertorios informativos.

Palabras clave: biblioteca; información; materialidad de la información.

INTRODUÇÃO

Por meio da história do registro do conhecimento, ou seja, do processo de construção da linguagem, que é o segredo e a explicação do homem, e com o advento da escrita, a comunicação deixou de ser apenas oral para ser também escrita. Como consequência, adveio a multiplicação da informação (cópia de manuscritos, imprensa, fotocópia), permitindo a expressão do pensamento, além de propiciar o armazenamento e preservação dos registros informacionais em espaços predeterminados, como bibliotecas e arquivos. Martins (1998) reforça essa afirmação quando diz que, no decorrer de sua existência material e espiritual, o homem sentiu a necessidade da criação de um ambiente que permitisse armazenar, organizar, controlar e recuperar as informações, impedindo sua dispersão.

É na biblioteca que esses personagens conversam e interpretam autores, trazendo outros sentidos aos sentidos e interpretações que se lhes apresentam, tornando-se autores também. Assim, não se pode conceber uma biblioteca sem pensar no usuário, pois uma biblioteca só adquire sentido pelo trabalho de seus leitores. Como nó de uma rede, a instituição biblioteca é o espaço onde circulam matérias que se tornam signos, que se revestem de significado. Ao coletar, preservar e disponibilizar informações, ela oportuniza a resolução da contradição entre a presença num lugar e a ausência desse lugar, constituindo-se como intérprete e intermediário entre presença e ausência. Isso implica ainda compreender a natureza dos materiais utilizados na construção dos acervos, os agentes de conservação e os conceitos de serviços e sua disponibilização nos diferentes períodos históricos.

Desse modo, considerando a importância da biblioteca e da infinidade de informações para indivíduos, coletividades e sociedades, o objetivo do presente artigo é refletir sobre a materialidade da informação no âmbito desse espaço. Entendemos que é pertinente refletir sobre essa instituição, responsável pelo processo de armazenamento e organização da reserva de pensamentos registrados, lugar de signos por excelência, para uma melhor assimilação do processo de apropriação da informação.

Nosso intento é situar a informação a partir da perspectiva da biblioteca, enquanto espaço que abriga, processa, garante acesso e dissemina a informação materializada e socializada, e cuja vocação é intermediar o processo de apropriação da informação, pois recai sobre essas instituições a responsabilidade de fazer o elo entre essa materialidade e o leitor dos registros informacionais.

A TRAJETÓRIA DA BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

De acordo com Cesarino (apud Braga, 2004), as bibliotecas são instituições muito antigas que sobrevivem há anos, adaptando-se às diversas mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Essa sobrevivência, por si só, já é suficiente para provar que cabe à biblioteca uma função muito importante na sociedade – a de servir à comunidade, oferecendo-lhe informação, cultura e lazer. A Biblioteca de Alexandria é um exemplo dessa função e da grande influência exercida na cultura antiga diante da decisão de reunir, num mesmo lugar, todos os livros da

humanidade. E mesmo sem ter atingido seu intento primeiro, produziu efeitos incomensuráveis, influenciando os modos de escrita e leitura e a forma de gerir a memória da humanidade, pois “aliada a um museu e a uma academia, em termos atuais, essa biblioteca seria uma combinação de centro de pesquisa, editora, instituto de estudos linguísticos, museu e repositório cultural, funções essas que muitas bibliotecas de hoje ainda estão por alcançar” (Braga, 2004, p. 25).

Na história das bibliotecas antigas, todos os objetos e registros do conhecimento – blocos de pedra gravados pelos escribas, tabletes de barro, os de madeira e os gravados a fogo, o rolo de pergaminho e papiro, e até mesmo os livros – eram considerados frágeis e raros, daí a preciosidade conferida a esses registros. O local de sua guarda necessitava de vigilância ostensiva e conservação esmerada.

Para alguns historiadores, a existência de bibliotecas antecedeu os registros escritos, para outros, surgiu concomitantemente a eles. De qualquer forma, da Antiguidade até a Idade Média, a figura do leitor era quase inexistente, pois os progressos instrucionais eram lentos, mesmo nas classes privilegiadas, e, entre as finalidades das bibliotecas, não constava a difusão dos saberes para uma coletividade mais ampla (Braga, 2004). A biblioteca de Nínive, por exemplo, tinha uma única porta de acesso para o interior do edifício, característica que a sacralizava como uma instituição inibidora do acesso aos leitores comuns. De acordo com Samarini (apud Martins, 1998), os antigos povos do Oriente, como os assírios e os egípcios, pareciam conhecer apenas as bibliotecas religiosas, e sua noção de biblioteca se confundia com a de arquivos. Não se tratava de bibliotecas em que um público, mesmo restrito, fosse admitido. A consulta aos livros era reservada a oficiais ou comentadores, quase funcionários.

É no Renascimento que as primeiras bibliotecas assumiram maiores projeções. Segundo Braga (2004), a partir do livro tipográfico, no século XV, várias transformações são verificadas nas comunidades leitoras e livrescas, como, por exemplo, a proliferação do livro, os avanços mais acentuados na ciência e tecnologia, certa diminuição do analfabetismo, a criação de universidades. Esses e outros fenômenos contribuíram para uma revolução nas funções da biblioteca, que se torna, progressivamente, um centro de divulgação do saber aberto a toda sociedade.

No século XIX, surge um novo tipo de biblioteca – a de empréstimo, em que a informação passa a circular mais livremente entre os usuários. Este século foi palco de uma “segunda revolução gutemberguiana” encabeçada pela imprensa industrial, que motivou uma verdadeira democratização da biblioteca e de seu aporte informacional, somente insinuada nos séculos precedentes. No início do século XX, pode-se observar a proliferação da informação registrada em diferentes suportes, o que acaba por inviabilizar a manutenção de uma biblioteca domiciliar (Braga, 2004). Diante desses avanços, “as bibliotecas tornam-se um recurso absolutamente indispensável, espaço de preservação e difusão” (Chartier, 1999, p. 124).

Partindo-se do conceito de documento e de documentação presente nos estudos dos primeiros documentalistas, Paul Otlet e Suzanne Briet, livro e documento são vistos como instrumentos para promover a circulação social do conhecimento. Constituem “um suporte

de uma certa matéria e dimensão [...] em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (Otlet, 1996, p. 43). Nesse sentido, a biblioteca tornou-se, por excelência, local tanto de guarda quanto de acesso e uso dos livros, que, segundo Otlet (1996), engloba os manuscritos e impressos de toda espécie, feitos ou publicados em forma de volumes, os periódicos, publicações de arte, constituindo, em seu conjunto, a memória materializada da humanidade.

De acordo com esse estudioso, os livros se converteram nos órgãos da conversação, concentração e difusão do pensamento, devendo-se considerá-los como instrumentos de pesquisa, cultura, ensino, informação e recreio, pois são o receptáculo e o meio de transporte das ideias. Assim, o papel da biblioteca é múltiplo e dinâmico, pois ora atua como depósito e instrumento de conhecimentos, ora como espaço de geração de novos livros e novos saberes; por onde perpassam os efeitos cognitivos inerentes à acumulação dos livros, a sua materialidade, os laços que tecem entre si e com o mundo.

Jacob (2000b, p. 9) reforça a importância dessa instituição enquanto espaço que trabalha com a materialidade da informação quando afirma que ela “é o lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico [...], teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento”.

A biblioteca é um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. Espaço capaz de proporcionar uma viagem no tempo, encontros, convergências e divergências de ideias, onde se reaviva o pensamento e o saber de outrem por meio da leitura. Afirma ainda Jacob (2000b, p. 10) que a biblioteca representa o encontro do projeto utópico de comportar num mesmo lugar toda a produção intelectual da humanidade e os aspectos tangíveis, como técnicas de ergonomia, organização e conservação de seus diversos suportes. Além de ser lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações, é também “espaço dialético no qual, em cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções” (Jacob, 2000b, p. 11).

Quando Jacob declara que uma biblioteca só adquire sentido pelo trabalho de seus leitores, ele atenta para a metamorfose dos leitores e das leituras, das políticas de domínio e de comunicação da informação. A leitura os conduz a desenvolver estratégias de apropriação e memorização, levando-os a reelaborar e classificar o saber dado nos livros, implicando a elaboração de novos saberes e instrumentos de reflexão e compreensão de mundo (Jacob, 2000b).

BREVES REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE INFORMAÇÃO

Nas diversas disciplinas que lidam com a informação como fenômeno de estudo, seu conceito é, de modo geral, utilizado de acordo com o contexto, articulações e aplicações.

Dentre os vários campos do saber, a ciência da informação apresenta singularidade, também entendendo o termo informação com diferentes significados, mas nutrindo contínua tentativa de contemplar suas várias nuances e facetas e/ou atenuar sua ambiguidade terminológica.

As discussões e debates que permeiam o conceito de informação entre os principais autores da ciência da informação e áreas afins demonstram que sua representação se distancia de um modelo único para defini-la. Cada área procura contextualizar o conceito de informação em conformidade com as tensões e exigências de seus construtos teóricos, voltados às suas articulações e aplicações empíricas. Diante disso, para refletirmos sobre essa temática, utilizaremos Otlet (1996), Briet (1951), Buckland (1991), Le Coadic (2004), Silva (2006) e Capurro e Hjørland (2007).

Em seus estudos, Capurro e Hjørland (2007) exploraram as origens gregas da palavra latina *informatio*, assim como seu desenvolvimento subsequente. Segundo os estudiosos, desde os tempos mais remotos até a Renascença, a palavra informação esteve relacionada a dois contextos básicos de uso. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o primeiro contexto diz respeito ao século XIV, no qual o termo se referia ao ato de moldar a mente/caráter; treinamento; instrução; ensino, cujo significado possuía uso bem restrito. O segundo refere-se ao período do Renascimento, do declínio da filosofia escolástica e surgimento da ciência empírica moderna, no qual o termo “moldar a mente” perdeu sentido, dando lugar à acepção de informação como o ato de comunicar conhecimento.

Assim, buscando entender o conceito de informação, Capurro e Hjørland (2007, p. 149) consideram-na “no sentido de conhecimento comunicado, [que] desempenha um papel central na sociedade contemporânea”. Em suas ponderações, afirmam que

Com relação ao conceito de informação, a implicação é que o que conta como informação – o que é informativo – depende da questão a ser respondida. A mesma representação de um objeto [...] contém diferentes informações [...]. Informação é qualquer coisa que é de importância na resposta de uma questão (Capurro; Hjørland, 2007, p. 187).

Ou seja, a informação precisa atender às necessidades de um grupo-alvo, respondendo a questões específicas desse grupo. Esse ponto de vista mostra-se pertinente às atuais demandas informacionais, tendo em vista que concebe a informação não como um produto estático, mas como um conceito intersubjetivo “voltado para os fenômenos de relevância e interpretação como aspectos básicos” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 150). Tais demandas serão distinguidas e apreendidas se houver uma mediação entre a informação e o usuário, ou público-alvo. Não basta observar determinados grupos de usuários e as teorias que lhes respaldam para definir suas necessidades informacionais mediante dados estatísticos e ações matematizantes. A biblioteca pode, pois, estabelecer essa mediação necessária quando atua dialógica e comunicativamente com a sociedade de modo a “considerar a informação como uma força construtiva na sociedade” (Bramam apud Capurro; Hjørland, 2007, p. 151).

Já Le Coadic (2004, p. 4) considera a informação como

um conhecimento inscrito [registrado] em forma escrita [...], oral ou audiovisual, em um suporte, [...] um elemento de sentido [...] um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal [...] feita graças a um sistema de signos [a linguagem], signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

O conceito de informação, para o autor, começa a abranger aspectos de compreensão, que permitem identificar a relação de sentido entre os sujeitos envolvidos, além de descrever a sua forma de transmissão e registro em um suporte. A informação pode ser inscrita em qualquer suporte espacial-temporal, como “significado transmitido” entre aquele que transmite a informação e aquele que a recebe. Esse conceito atende à atual fase da sociedade contemporânea, marcada pela dinamicidade e pelo redimensionamento do processo informacional, que necessita da efetiva transmissão de significados e do estabelecimento de processos interativos e comunicativos que possibilitem a formação argumentativa do sujeito e a (re)formulação de significados.

Le Coadic (2004, p. 3) também discorre sobre os conceitos ambíguos atribuídos à informação nas diferentes disciplinas: “[...] medida de organização de um sistema: medida de organização de uma mensagem em um caso (Shannon, Weaver), medida de organização de um ser vivo no outro caso (von Bertalanffy). Pode também ser a medida da ordem das moléculas em recipiente que contenha um líquido ou um gás (Boltzmann)”.

De acordo com o autor, essa variação conceitual contribui para um considerável valor heurístico, muito embora recomende o conceito que está vinculado à cognição e à comunicação humana. A conceituação de informação proveniente de outras disciplinas, mencionadas por Le Coadic (2004), serve para a explanação que o autor faz acerca da ciência da informação como construto teórico que agrega um caráter científico ao estudo da informação.

Para Malheiro da Silva, a informação possui uma dupla funcionalidade semântica. Uma, referente a “um fenômeno humano e social que compreende tanto o dar forma a ideias e a emoções (informar), como a troca, a efetiva interação dessas ideias e emoções entre seres humanos (comunicar)” (Silva, 2006, p. 150); a outra referente a

[...] um objeto científico, a saber: conjunto estruturado de representações mentais emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

O autor considera a informação como fenômeno humano e social, inerente à vida em sociedade. As ideias e emoções humanas e individuais tomam forma e são trocadas numa efetiva interação entre os sujeitos sociais. Desse modo, para o autor, a informação tanto é fenômeno de matriz individual, que surge na mente humana, que “conhece, pensa, se emociona”, como

também coletiva, pois o sujeito “interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si” (Silva, 2006, p. 24). A informação é, portanto, a consolidação das ideias e emoções por meio de uma codificação de signos e símbolos significantes de acordo com as visões de mundo, normas e regras que orientam determinado(s) grupo(s) social(is). Nessa perspectiva, o conceito de informação corresponde “à capacidade humana e social de representar e conhecer (-se a si mesmo e a) o Mundo, o que implica a interação contínua (troca e transformação das representações)” (Silva, 2006).

Michael Buckland (1991) afirma que informação tem três significados distintos: informação-como-processo, ato de informar; informação-como-conhecimento, o que é transmitido; e informação-como-coisa, objetos informativos, documentos. O estudioso enfatiza a terceira categoria, para quem a informação seria um elemento tangível, materializado, mensurável e tratável.

As várias abordagens multifacetadas de pesquisas que discutem cientificamente o conceito de informação mostram que o contexto e o uso são fatores determinantes para definir informação. Percebemos que apesar das divergências conceituais, os autores citados parecem convergir quando se trata da informação registrada, ou seja, da materialidade da informação. Esse entendimento permite uma compreensão mais aprofundada do conceito de informação e de seu uso no âmbito das bibliotecas.

A BIBLIOTECA E A MATERIALIDADE DA INFORMAÇÃO

A biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhe cabe na sociedade de seu tempo, percebida pela sua arquitetura, definição de seu público, princípios que ordenam suas coleções, e pela classificação e tecnologias adotadas para acesso de seus registros informacionais. Mesmo diante dos grandes conflitos mundiais que acometeram a sociedade, essa concepção tem se reafirmado ao longo dos anos.

Após a Primeira Guerra Mundial, com a definição de novos rumos para a sociedade, a biblioteca se renova, (re)nascendo fora dos muros, caracterizada pelas bibliotecas volantes e caixas estantes que passaram a levar os livros até o leitor, surgindo daí a ênfase maior nos termos “utilização” e “usuários”. Com o advento da Segunda Grande Guerra, “as bibliotecas tomam novos impulsos e vão-se transformando em centros de informação” (Nóbrega apud Braga, 2004, p. 26). Elas passam a conviver com o desafio diário de enfrentar uma incontável produção, proliferação e pulverização da informação, impulsionadas e intensificadas pela inovação das tecnologias de informação e comunicação. As novas ferramentas e as complexidades daí decorrentes já começavam a exigir outras posturas e maneiras de coletar, preservar e disponibilizar a informação.

Diante dessa nova realidade, a biblioteca precisa refletir sobre sua identidade e seus dispositivos de uso, disseminação e recuperação da informação para dar conta de seu objetivo principal: a acessibilidade. Desse modo, além de ser considerada “lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico”, ela é também um lugar de criação e inovação a serviço da coletividade inteira (Jacob apud Braga, 2004, p. 25).

As funções que ela exerce de reunir, organizar e preservar as informações materializadas são para uso das gerações presente e futura. As bibliotecas lidam com esses objetos informativos, porque passíveis de tratamento, com a intenção de tornar os usuários bem informados (informação-como-processo) para que haja uma comunicação de conhecimento (informação-como-conhecimento). Mas, fornecidos os meios, o que é tratado e operado, o que é acumulado e recuperado, é informação física (informação-como-coisa) (Buckland, 1991).

Segundo Briet (apud Siqueira, 2012), o documento, informação materializada, é a reconstrução ou prova de um fenômeno físico ou intelectual, portanto fruto de um contexto social e cultural. Nesse sentido, Otlet (1996) afirma que o livro é a materialização da memória humana que armazena fatos, ideias, ações e sentimentos, além de se constituir enquanto instrumento de pesquisa e cultura, ensino e informação. As informações que preenchem os espaços das bibliotecas têm forma e materialidade e os elementos que as compõem são tangíveis e mensuráveis. Por meio desses objetos, a biblioteca intermedeia discussões sobre a problemática que afeta o acesso à leitura e à informação, dando suporte para a (re)construção dessa sociedade contemporânea.

Dessa forma, a biblioteca tem a capacidade de armazenar e tornar disponível um vasto número de registros informacionais, além da responsabilidade de veicular para a sociedade a multiplicidade de informações existentes em seus acervos. Quando cumpre sua função, admite-se dizer que tal instituição deva intermediar a “metamorfose dos leitores e das leituras, das políticas de domínio e de comunicação da informação” (Jacob apud Braga, 2004, p. 24). Miranda (1978) reforça essa perspectiva quando afirma que a biblioteca é um fenômeno histórico em regime de mútua e permanente influência (interação) com a sociedade. Por isso, sua essência, enquanto instituição democrática, está em atuar como um organismo que converge seus objetivos em favor do usuário, para suas particularidades e necessidades de informação.

É nesse sentido que expressões como “nenhuma fronteira detém a informação” têm revolucionado as formas e usos, estruturas, unidades, sistemas e materialidade da informação. A produção, o fluxo e a circulação de objetos informacionais aumentam a cada dia e as unidades informacionais precisam acompanhar o ritmo acelerado dessa conjuntura. Faz-se necessário que as bibliotecas sejam modernizadas e seu aparato tecnológico aprimorado, em consonância com as exigências da sociedade contemporânea. Isso fortalecerá a relação entre a missão da biblioteca – de oferecer serviços com base na disseminação da informação, da cultura e do conhecimento – e a da ciência da informação, quando estuda o vínculo entre a informação e o conhecimento, ou a informação geradora de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da biblioteca, de uma forma ou de outra, ela teve como funções básicas a coleta, a conservação, a organização e a difusão de informações. Hoje, mais do que nunca, é requerida da biblioteca a função não só de dispositivo cultural voltado para a preservação e o uso dos registros, mas fundamentalmente de apropriação da informação e da cultura. Ou seja, é preciso valorizar a função social dessas unidades.

Enquanto espaço cultural e instituição de domínio público, a biblioteca deve atuar, efetivamente, como centro fomentador e gerador do conhecimento, pois é um direito da comunidade o acesso à informação e à apropriação das informações. É fundamental uma maior integração entre a biblioteca e a sociedade na qual está inserida, possibilitando a transição dos saberes e a perpetuação da memória.

Se, por um lado, a ciência da informação, enquanto disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, é participante ativa do fenômeno que transforma a informação em conhecimento, a biblioteca é o lugar desse fenômeno, enquanto instituição que tem como máxima o acesso à informação a todos, sem distinção. Ao lançar mão dos meios adequados para lidar com os objetos informativos, passíveis de tratamento, tendo como principal objetivo a comunicação desse conhecimento registrado, esse espaço desempenha sua função social de servir ao usuário.

Portanto, a biblioteca lida com os registros, como artefatos históricos e extensão da memória humana, prova material de fenômenos físicos e intelectuais num determinado contexto. Orientada por estudos de teóricos da área, como Otlet, Briet e Bckland, entre outros, ela tem trabalhado com tais objetos informacionais, de maneira a reafirmar seu papel ante os conflitos e mudanças que acometem a sociedade.

Referências bibliográficas

BRAGA, Maria de Fátima Almeida. A biblioteca pública como um lugar de signos. *Infociência*, São Luís, v. 4, p. 21-34, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004283&dd1=1fbb0>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Édit – Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <<http://www.publicpraxis.com/wp-content/uploads/2011/01/informationasthing.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000a. p. 45-73.

_____. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000b.

LE COADIC, Y-F. *Ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.

MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 6, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1978. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/594/1/ARTIGO_miss%C3%A3o_biblioteca_p%C3%BAblica_Brasil.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2012

OTLET, Paul. *El tratado de documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica*. Trad. por María Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia, 1996. Tradução de: *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934. Disponível em: <http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do conhecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SIQUEIRA, Jessica Câmara. A noção de documento digital: uma abordagem terminológica. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-140, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/24172/19793>>. Acesso em: 22 out. 2012.

Recebido em 23/5/2013

Aprovado em 4/7/2013